



Gaiato

4. DE OUTUBRO DE 1969

ANO XXVI — N.º 667 — Preço 1\$00



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
 PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
 COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



Dantes, era na mansarda...! Hoje, um recanto bucólico da nossa «Aldeia» de Paço de Sousa enche a alma desta Criança.

Cantinho dos Rapazes

Um de vós escreveu-me.
 Respondo:

Recebi tua carta onde puseste a alma no momento em que escreveste. Louvo a tua coragem, quando decidiste enveredar por novo Caminho. Custou-te. Bem sei. Mas foste sincero contigo. A tua consciência te disse que não andavas bem. Mais: te mostrava por onde devias caminhar. E serias inimigo de ti próprio se procedesses de modo diferente. A consciência bem formada é voz segura. E segui-la é ir ao encontro da Felicidade.

Apercebeste-te de que o teu futuro dependeria do modo como vivesses a tua juventude. É simplesmente admirável esta descoberta. Com certeza ouviste muitas vezes afirmá-lo. Mas isso não bastava. Era necessário reflectir. E foi o que fizeste. E convenceste-te. Essa verdade deixou de pertencer só aos outros para ser tua também. A partir desse momento passou a ser uma pedra basilar na construção da tua personalidade. Admirável!

Aceitaste, além disso, as consequências da tua decisão. Forte, corajoso, repito. É que num momento de entusiasmo somos capazes dos propósitos mais atrevidos. Mas não é isso que importa. Importa, sim, decidir e perseverar. E a perseverança não é o mais fácil. É o mais difícil. Já Cristo o disse:

«só quem perseverar será salvo».

Deste provas de sinceridade do teu propósito ao aceitar as consequências: «sofresse as críticas que sofresse; visse-me forçado a abandonar os amigos que até aqui o eram; tinha que até aqui o eram; tinha que fazer-lo». E donde te veio essa energia? Cito uma frase pequenina de tua carta que dá a resposta: «e fi-lo graças a Deus». Outra grande descoberta que está na base das grandes decisões. Se contasses apenas com o teu querer, bem depressa viriam as desilusões. Sabes tão bem como eu como é fraca a nossa vontade: Agora está na «mó de cima» e daqui a pouco «na mó de baixo». A força capaz de a segurar vem do Alto. Por isso dizes: «graças a Deus». E dizes muito bem. Se não cuidamos da vida espiritual crescemos desequilibrados, coxos. Nem sempre esta realidade é tida na devida conta. E creio estar aqui uma razão séria do falhanço de muitos e bons propósitos. Deste um passo decisivo em frente, se o teu «graças a Deus» foi escrito com o coração. Um querer decidido e confiança no Alto são alavancas de verdadeiro progresso na construção do teu futuro.

Grande sofrimento para ti o abandono a que te votarão «os amigos que até aqui o eram». Pode ser que não seja como tu dizes e pensas. Mas se tal acontecer não deixes de ser amigo deles. Esta atitude mostrará que

foste sincero. A atitude deles revelar-te-á a falsidade de muitas amizades. E acredita como eu na justiça deles. Os rapazes são justos. Não me esqueço do que sucedeu a um de vós, agora homem e pai de filhos, quando decidiu mudar de rumo, depois de uma vida até então cheia de

Continua na QUARTA página

LOURENÇO MARQUES

O apontamento de hoje é especial para os leitores da Metrópole. Só para eles poderá ser notícia. Há muito que sinto dever de não esconder a luz que é de pôr-se sobre o alqueire.

Falo de uma visita muito discreta, que não se faz anunciar. Entra, senta-se e conversa. Veste com dignidade, sem atavios, com uma nobre simplicidade.

Quer saber das dificuldades e anseios, das esperanças e certezas, do que passou de sonho ou não está realizado ainda. Traz na alma uma serena preocupação de tudo como se para ela fôssemos os únicos a ocupar-lhe tempo e coração.

Depois vêm as confidências. Também vive grandes ideais e acalenta grandes anseios. É uma mulher objectivamente actuante. O que nasce em seu peito desenvolve-se com inteligência e amor e realiza-se com diligência, mas sem presunção.

Não há Casa de crianças abandonadas que não visite com frequência. Toma os pequeninos ao colo com carícias. Senta-se ao lado dos maiorzinhos para falar com eles, como mãe que junta os filhos à sua roda. Procura saber das horas grandes para as engrandecer ainda mais. Está presente nas dificuldades para as atenuar.

Os Pobres são a sua parte. Entra pelos bairros do caniço e saboreia com amargura a vida das crianças abandonadas, nuas e sujas nos montes de lixo. Sangra-lhe a alma, como se fossem seus. Aflige-se com a situação da mãe africana tão atrasada e alheia à dignidade e promove e orienta a bem delas centros de assistência.

Com os Pobres é assim. Na sua casa é a esposa do seu marido. A dignidade e distinção, a beleza e simpatia nos contactos de alta sociedade são dons de Deus que preciosamente serve a todos. É mesmo seu ideal ajudar o marido servindo os outros, como já afirmou.

Alto ideal cristão de quem segue Aquele que veio ao mundo para servir.

É a Esposa do sr. Governador Geral que Deus guarde por muitos anos para bem de Moçambique!

Padre José Maria

Aqui LISBOA

Disse ter 22 anos. Magra, alta, esquelada, com um ar de quem envelheceu precocemente. Veio pedir socorro para se libertar duma vida que não lhe agrada e para poder tratar dos dois filhinhos que tem. Sente-se mal na «ocupação» que leva, pois já é tempo de seguir vida digna. De dinheiro não dispõe, pois tudo fica na «patroa». Ouvimos atentamente, lembrando-nos da Madalena do Evangelho. E não atirámos pedras. Procurámos ajudar esta Irmã. Quem nos dera que sempre assim fosse e que todos pudessemos ver nestas infelizes as nossas mães, as nossas irmãs e as nossas familiares. Não querer para os outros o que não queremos para nós e para os nossos é regra humana que o Cristianismo faz sua e sobrenaturaliza. É tão fácil amar, ao fim ao cabo. Assim o pretendêssemos de verdade.

A história real acima apontada sugere-nos duas palavras. Só não sabe quem não quer ver.

Os lupanares e as casas públicas e semi-públicas de prostituição multiplicam-se. As próprias vias nacionais são lugares utilizados para o comércio carnal. Quem passa, por exemplo, nos arredores de Setúbal ou na estrada da Ota, se for de olhos abertos, enxerga à distância. As escravagistas com raparigas disponíveis para os fins de semana de «senhores» endinheirados multiplicam-se. Aqui deixamos esta pequena nota à atenção do Senhor Ministro do Interior. Não basta suprimir a prostituição com textos legais; é preciso enfrentar a «escravatura branca» em todas as frentes, desde o combate nas origens até à repressão. Doutra modo teremos de multiplicar as instituições de assistência e de aguentar com uma dissolução moral cada vez mais demolidora.

PADRE LUIS

UMA CARTA

«Mais uma vez venho «roubar» 5 minutos aos inúmeros afazeres de V., mas porque me vejo EMBARAÇADÍSSIMO com o problema da educação dos meus 8 filhos, vinha pedir, solicitar, IMPLORAR que em qualquer dia, de qualquer ano e de qualquer modo, no GAIATO, me indicasse (a mim e a centos ou milhares de Pais que se vêem aflitos com o mesmo problema — n'uma última ultreya dos CC 90% dos presentes pediram fosse tratado o problema da educação dos filhos — prova de que toda a gente anda aflita) como tratar os filhos, nas idades compreendidas entre os 12 e os 22 anos.

Eu vejo-me aflito, aflitíssimo mesmo, com os problemas de todos os dias, (agravados ao rubro nestes 3 meses de férias, pois 7 andam a estudar) e se não fosse uma fé e confiança em Deus muito grande, até já vontade tive de «designar» ao mandato.

Em síntese, pois não tem tempo de ler cartas compridas, apontarei os maiores problemas com que luto:

— Em casa todos os filhos se julgam com direitos: direito

de comer, de vestir, de dinheiro para extravagâncias, de não ter horas de comer, de dormir, etc.. Mas aí de quem lhes fale em deveres.

— Por mais que tente ter uma hora para a refeição, em que todos estejam em casa, não consigo, de um modo especial ao sábado e domingo. E se a mêdo faço qualquer repreensão ao que chega tardio, cai «o Carmo e a Trindade». Por outra, é possível haver paz em casa desde que... eles façam o que querem e como querem.

— Diálogo: sim senhor. Uma maravilha: desde que eu concorde com os seus pontos de vista.

— Dinheiro: o mais velho, que está de férias e tem 18 anos, fazia-me esta pergunta há dias, a que eu não soube

responder: se eu achava demais ir à praia, de manhã e de tarde, tomar um café por cima do almoço, um fino de tarde, comprar um jornal diário, ir ao namoro uma vez por semana, ao cinema uma vez por semana, fumar um maço por dia... ou seja: perto de 1.000\$00 por mês!!!

Devo dizer a V. que sou presentemente um pequeno industrial, com relativo (mas pequeno) desafogo económico, mas sem qualquer rendimento que não seja o trabalho do dia a dia e que até aos 40 anos fui modestíssimo empregado de balcão, escritório, a trabalhar de noite e de dia, para poder trazer agora os filhos a estudar.

Por favor: verse este assunto um dia no GAIATO e digam-nos como faz: «duros» ou

«moles». «Democracia» ou «Ditaduras».

— E quanto a «namoros»? Nem falo neste assunto a V.. Devo dizer que moro a «dois passos» do Porto, onde tudo convida a vida de piscinas (A praia já não serve!) onde há cafés, divertimentos sem conta, etc.. Já falei em ir passar um mês à aldeia, a casa de pessoa de família, que está vazia, mas todos de acordo: nem pensar nisso!

Não é a primeira que recebemos deste teor embora talvez não tão sugestivas como esta. E, quando não é por carta, em quantas oportunidades ouvimos desabafos semelhantes!

Ora devia ser ao contrário (e também é): Sendo nós uma Família de substituição, que procura na Família cristã de pais e filhos uma reprodução actual da Família de Nazaré por que guiar-nos, deveríamos ser nós (e somos muitas vezes — repito) a perguntar a um pai de oito ou dez ou doze filhos como fazer com os cento e tantos que cada «padre da rua» tem à sua conta ou virá a ter logo que as Casas os comportem (é o nosso caso em África).

Também nós nos queixamos de como, sendo uma Família

pobre que tem crescido e progredido à custa de muito trabalho e do bafo de amizade do Povo que nos entendeu e nos dá a sua mão, é tão vulgar entre os nossos Rapazes um espírito comodista e aburguezado. No entanto devemos confessar que, graças a Deus, os problemas não são multiplicados na proporção do nosso número de filhos; e que, olhando o que vai por esse mundo, por nada trocaríamos os filhos de ninguém, pelos «filhos de algo».

Vamos, pois, cingir-nos à carta do nosso correspondente.

1.º — O binómio direito-dever.

Eu creio que este problema não é só da juventude. Em todas as idades o homem sofre esta tentação sempre a emergir do seu egoísmo nato. É necessária muita vigilância, muita disciplina, muita convicção, muito sentido dos outros (mas em verdade, não só de palavreado!) para não deslocarmos a tónica do ponto de equilíbrio.

Talvez a reflectir, ou a querer justificar, a hesitação das gerações adultas, aí estejam as modernas teorias pedagógicas de «espontaneidade, da sinceridade, da autenticidade», que são modo abstracto de dizer uma realidade concreta que se chama pouca vergonha.

A verdade é que todo o homem que sobe em posição

Continua na QUARTA página

Visado pela

Comissão de Censura



Enquanto grande parte dos nossos leitores e amigos vão aproveitando suas férias para descansar e retemperar forças, nós aproveitamo-las para dar um empurrãozinho maior nas nossas obras em Coimbra. Também descansamos uns dias acampados na Praia de Mira, mas foram dias muito contados pelos dedos das mãos.

Os nossos estudantes que não-de ser os grandes usufrutuários do Lar, têm sido bons obreiros de colher de pedreiro na mão, baldes de massa ao ombro, padiolas e outros materiais sempre num vai-vem. Temos aproveitada todas as energias e todas as horas. Há barulho. Há cantigas. Há nomes. Há discussões. Há liberdade. Há alegria. Há feridas. Há espetadelas de pregos. Há vida.

Quantas famílias em Portugal terão construído a sua casa com tanto esforço e dedicação? Quantas? Esta força tem-nos dado coragem para aceitarmos a morosidade de tudo e para todas as renúncias que a vida nos vai exigindo.

Quando chegamos a casa carregados com a vida e encontramos o Zé Claro mais o «Vitinho» a fazer a canalização; «Polícia» com o sr. Amaral a preparar os esgotos em plás-

tico; «Batata» e Janito com o sr. Dias a assentar azulejo; Zé (que fez o 6.º ano do Seminário) com o sr. João a colocar aros para portas e janelas; Barbosa, «Foguetão», «Choninhas», «Buchas», Fernandito, «Cantantes» e «Bandarrita» com sr. Armando a rebocar paredes; Barnabé, «Trinos», Zé Albino, Vitor, «Pretito», Zé Domingos, «Lita», Simões e Zé Tonito a dar serventia a todos; Manel (que vai este ano para a Escola do Magistério Primário), Horácio e C. Alberto a fazer a cozinha e a vida da casa — quando chegamos e encontramos assim este mundo de alegria, e alegria são, sentimo-nos felizes por esta família que o Senhor nos deu.

Nós temos estado mais presentes, mas temos sentido mais ausências. As férias (julgamos que serão as férias) têm-nos trazido poucas visitas e a Maria Teresa da Casa do Castelo tem-me dito muitas vezes e com muita mágoa — «Coitado, hoje tem pouca sorte; vai sem nada!» Esperamos que Outubro traga cada um para o seu lugar e nos encontremos mais vezes. Pergunta-me sempre como vão os rapazes e as obras, mas não perguntes quando fica pronta a casa. Ela

vai custar muito a acabar. Depende muito de cada um. Mesmo na cidade de Coimbra há muitos habitantes que ainda não nos conhecem. É Coimbra!

Vem ver-nos, fala-nos e anima-nos. Se tens materiais para acabamentos ou coisas válidas de móveis e recheio de casa, e quiseres alegrar-te chamando por nós, não demores. Há amigos que já levantaram o dedo, mas há muitos dedos por levantar.

x x x

● PRESENÇA AMIGA

Na sua passagem por Miranda do Corvo o Sr. Professor Marcelo Caetano quis passar à nossa porta e estar uns momentos connosco. Calou-nos muito na alma a sua manifestação de amizade e aceitámos com alegria as palavras que disse aos Rapazes.

Os primeiros a receber os seus beijos foram o Joãozinho de Moçambique, o Nuno de Cantanhede e o Carlitos de Pombal, os mais pequeninos, que estavam ao colo dos mais velhos. Sentiu-se rodeado por todos e foi recordando o que ouviu muitas vezes de Pai Américo. Disse palavras de pai. Que eram os mais velhos os responsáveis pelos mais novos e que tinham muita responsabilidade por uma Obra que é para bem de todo o País. Que Pai Américo, de quem foi sempre grande amigo, tinha muita confiança e esperança nos Rapazes. Que são eles os grandes construtores da Obra. Recordou as visitas que fizera à Casa do Gaiato e a estima que sente pela nossa Obra.

Despediu-se com mais beijos e abraços de carinho e deixou em nós sua presença que nos leva a pedir a Deus que o ilumine e fortifique para ajudar o Povo a ser mais feliz.

Padre Horácio

As nossas edições

Tomando por base a média da primeira gaveta do ficheiro, não andamos muito longe da verdade se dissermos que cerca de 1.500 assinantes da nossa Editorial (actualmente a passar de 4.000 deles) ainda não acusaram recepção ao «Porta Aberto»! Foi sempre assim, desde o princípio. Foi sim senhor. E essa a razão porque, de vez em quando, segue o inofensivo postal-aviso. Da última reboada atingimos todos os faltosos. Todos. Uns refilaram. Muitos com razão; outros sem ela. Todavia, uma grande parte bateu no peito. E de que maneira! Sobretudo os mais atribulados pela alta do custo de vida ou outros problemas d'ordem familiar. Neste caso, saibam todos que tanto o Jornal como a Editorial jamais suspenderam uma remessa. E são centenas e centenas os amigos a quem a presença das nossas edições é bálsamo que alivia sua cruz. Quer dizer, se o leitor não pode com o compromisso basta ter a bondade de nos comunicar, por carta ou postal. Averbamos depois na ficha a impossibilidade parcial ou total de retribuição. E continua tudo como

dantes. Jornal e livros batem na mesma à vossa porta.

Mas aqueles senhores e senhoras que possam, é de elementar justiça se não esqueçam de mandar o que entenderem. Claro, por princípio não marcamos preços. Não comerciamos. Seria profanar. Aceitamos o sim e o não; o pouco e o muito. Aceitamos tudo. E de todas as formas.

Enfim, este S. O. S. vem a propósito da encomenda de papel para a reedição do primeiro volume do «Isto é a Casa do Gaiato», recebida, há dias, da Fábrica. São quase 35 contos de resmas. Mais; há bem pouco, ainda, compramos uma nova máquina de impressão para o «Famoso»: 560 contos! Temos a unidade substituída em reparação — com destino a Setúbal. São mais umas dezenas. De maneira que se os senhores esquecidos do «Porta Aberto» resolverem pôr as contas em dia, não só aliviarão a nossa vida, como dão possibilidade de continuarmos a botar a mão às nossas Casas com «aldelas» a subir.

Júlio Mendes



Nunca nos vimos. Decerto nos não veremos já neste mundo. Ela mora na Ilha da Madeira. Passa dos 80 anos. E é uma jovem vicentina com um ardor comunicativo que nos anima, nos rejuvenesce.

Não há mês em que não chegue aí uma mensagem sua dirigida ao «meu querido F.», ou ao «querido amigo que Deus me deu», outras vezes nomeando simplesmente em diminutivo — liberdades poéticas que a sua idade autoriza — ora é um ralhete, ora uma súplica, ora o relato de um drama, ora um canto de alegria por uma graça obtida em favor dos seus Pobres. Ora vejam um modelo de cada estilo.

O ralhete:

«...Olhe lá, que não é só com palavras que eu posso dar um passo, que posso chamar mestres para continuar a casa começada com o seu dinheiro! Sim, a casa é vossa todinha!

Entregue-a a Deus para a acabar, e os Pobres acham muita demora. Minha senhora e o telhado? Minha senhora e

PATRIMONIO DOS POBRES



a porta? — «Vocês ão sabem rezar». Eu vi 10 contos dum benfeitor, e já pensei vinham ali os dois que pedi., para os ir consolando. Eu tenho escrito para o estrangeiro, nem resposta dão... e até o P.e Carlos desta vez aborreceu-se de mim se eu tenho abusado... Mas se mais ninguém me dá! E Jesus mandou pedir ou bater uma, duas, três vezes e mais até nos ser dado! Mea culpa, mea culpa... abençoe e não queira mal à velhotas.

Agora, uma súplica:

«O cartão do Rev. Pároco, quer dizer para o Santo mandar 3 continhos, assim que Deus lhe dê. Vou dar 1 conto a cada

casinha para taparem os maiores buracos, e que não lhe chova em cima — Só o P.e Carlos me acode, os outros, é só palavras.

Veja o negócio desta amiga!»

Um caso:

«Continuo à espera que lhe chegue muito, para repartir comigo. Uma viúva deu a casa, à filha casada, com 4 filhos e marido bêbado, e foi morar para o sótão com um filho viúvo e atrazado mental e um filho. Pediu-me telhado; chovia lá dentro. Fui ver: aí 2 camas unidas sem espaço para 2 cadeiras que estavam em cima da cama e mesa na rua! Pode aumentar-se 1 metro. Deus nos ajude. Tenho duas respostas negativas, mas... sempre prá frente.»

Um hino de acção de graças:

«Deus seja Bendito!

Quando vejo uma carta da Casa do Galato, o meu coração rejubila! Em todo o caso val tremendo enquanto não lê a resposta... Mas, quando encontra lá dentro um cheque, é a

sorte grande! Então digo: Obrigada meu Jesus! Deus seja Bendito. Abençoe os Padres da Rua, toda a glória no Céu para o Santo Pai Américo, que eu tenho aqui no meu escritório — contente de ver a sua Obra!

Que encanto no Céu! O Património da minha Conferência, os banqueiros dos meus concertos e construções, são Obra dos Pobres, para os Pobres!

Que Deus abençoe e os ajude. Amen.»

Digam-me: — Quem pode resistir?

Pois quantas vezes eu resisto e demoro e provocho aqueles protestos contra o silêncio, por não ter resposta para lhe dar!

Na Ilha da Madeira há, como por todos os lados, graves problemas habitacionais. Porém, o facto de ser ilha e não dispor de fáceis materiais de construção e de ser uma montanha saída do mar, torna a empresa muito mais dispendiosa. Tanto assim que naqueles auspiciosos tempos do princípio do Património dos Pobres em que o Ministério das Obras Públicas tomava a sua parte no finan-

ciar da Obra, os subsídios para a Madeira eram acrescidos de um suplemento, tendo em vista justamente, o maior custo da construção.

Ainda se levantou um bom lote de casas em várias paróquias da ilha. Há muito que não temos notícias de lá.

Entretanto o outro ramo do Património que nós chamamos «Pequenos Auxílios» brotou e foi crescendo. A nossa heroína fervorosa leitora de «O Gaiato» e vicentina viva tomou conhecimento. Entendeu que esta forma de dar a mão estava muito no âmbito da sua actividade junto dos Pobres. E, não tendo mais a quem recorrer decidiu «bombardear-nos» assiduamente, certa de que, se não fôr pela oportunidade, será atendida pela importunidade, como ensina o Evangelho.

Que espectáculo lindo, o de uma vida que é chama crepitante até ao fim, alma-gêmea daquela outra professora aposentada que se não fôra a velha serviçal lhe guardar o dinheiro da pobre reforma, não teria pão grande parte do mês!

Que riqueza em cada paróquia uma alma assim inquieta a inquietar os outros!

Vem aí o inverno. Quanta chuva a entrar por telhados me não vai ela denunciar? Quantos telhados novos me não vai exigir?

Não haverá na Ilha da Madeira outros leitores de «O Gaiato» capazes da resposta?..

CANTINHO DE MALANJE

Como estamos a principiar um novo ano escolar, é ocasião de darmos uma noticiuzinha a respeito do aproveitamento dos nossos estudantes no ano transacto.

O Falcão, Joaquim Fernandes, Gotas, Zé Luís (da nossa Casa de Benguela que veio cá acabar o Curso Comercial por motivo de doença), Manuel Fernandes, Laurindo e Laranjinha estão de parabéns. E os dois últimos portaram-se muito bem, pois dispensaram às orais do 2.º ano do Ciclo Preparatório e ingressaram agora no 1.º Comercial.

O Carlos Falcão passou para o 2.º ano e último de Agentes Rurais. O Joaquim Fernandes transitou para o 2.º Comercial e o Carlos Gotas frequentará o 1.º ano do mesmo curso. O Tomás que reprovou e prometeu já esforçar-se mais um pouco este ano lectivo, continua no mesmo ano que o Gotas. O Zé Luís quer frequentar, se a saúde o deixar, o 1.º ano do Instituto Comercial. E Manuel Fernandes, tendo acabado o Curso de Agentes Rurais, terá agora o estágio no fim do qual esperamos receba o seu diploma.

Ainda com respeito a aproveitamento escolar citamos ainda as reprovações do Altinho, Guadalupe e Artur. Este primeiro irá agora estudar à noite juntamente com o Manuel Fernandes Afonso e o André Figueira. Os outros dois antes quiseram deixar o abrigo das

nossas telhas do que se esforçar para serem uns homens. É sempre com mágoa que vemos sair um dos nossos rapazes; mas o homem é livre e nós somos «A Porta Aberta».

Dos que fizeram a 4.ª classe só o Ilídio é que não vai estudar. Esperamos que estes novos estudantes radicados no Lar, se esforcem a fim de terem bons resultados.

Nas nossas escolas, que são belas e airosas, estão já matriculados duzentos e tal alunos, se tivermos professores suficientes para os leccionar. É uma maneira de fazermos algo por o povo das aldeias vizinhas que também nos ama.

A Capela para lhes ministrar a Fé que eles tão bem guardam e a Escola para lhes ensinar os primeiros passos da instrução e educação.

Agora estamos em andamento com as Oficinas que nos são também indispensáveis para melhor podermos lançar rapazes como operários capazes no dia de amanhã.

É um edifício amplo e airoso que se vê ao lado direito logo quem entra na nossa avenida.

O Cortejo de Oferendas organizado por pessoas muito nossas amigas, foi uma procissão que ficou bem gravada no nosso coração. Foi mais uma prova do carinho e amor por parte do povo de Malanje que desde a primeira hora nos acarinhou e amou.

Fernando Dias



VISTAS DE DENTRO

Sempre que esta carrinha aponta ao portão da nossa Casa de Paço de Sousa, logo toda a Aldeia entra em alvoroço.

Param muitos trabalhos e e até máquinas. Começam grandes correrias em direcção à Casa Mãe. Os que trabalham longe, como os do campo, batem autênticos records de velocidade, pois quem não chegar a tempo sujeita-se a correr em vão. A desordem que esta carrinha provoca na nossa «desorganização organizada», tem a sua razão de ser por causa da carga que transporta. Pelo nome que lhe chamam cá em Casa ficam os nossos amigos a perceber tudo: é «a carrinha das chouriças».

Há anos que aparece por cá amiudadamente e nos traz uma preciosa carga de toucinho e chouriças que muito jeito nos fazem. Porém, a senhora e os senhores da carrinha não prescindem de fazer pessoalmente uma boa distribuição de chouriças pela malta, o que dá motivo a esta trapalhada toda. Habitados como estamos a isto e porque recebida a sua parte, volta cada um ao seu lugar, já não ligamos importância. Permita Deus que ela apareça cá por muitos e longos anos. Até aqui nada de especial. Há, porém, uma coisa que sempre

me intrigou e que eu, apesar de ter sido radiotelegrafista na tropa, nunca percebi: é como os rapazes conseguem comunicar entre si o aparecimento da carrinha, pois a maioria consegue chegar à Casa-Mãe primeiro que ela.

x x x

Chegou mais um e logo a rapaziada o observa para pôr a alcinha.

BOLEIA, foi a escolhida.

Com efeito, o rapaz não largava o largo da Capela à espera de visitantes.

Logo que um carro parava, dirigia-se ao condutor e perguntava: «Vai para o Porto?»

Se lhe respondiam que sim, logo pedia:

— Dê-me uma boleia para lá.

Durante oito dias pediu boleia, mas nada conseguiu.

Por fim deixou de as pedir, conformado.

«Boleia», lhe ficou de alcinha, mas por pouco tempo.

Agora é «Pisguita».

Chamam-lhe assim por causa da sua habilidade em se «pisgar» ao trabalho.

Hoje fui dar, mais uma vez, com o «Pisguita» a «sornar» na hora em que todos trabalhavam.

Pergunto-lhe a razão e ele não se atrapalha, respondendo pronto que já tinha trabalhado na escola.

Fico por um momento calado para depois começar a dizer-lhe: Bem; eu sei que a escola é trabalho, mas tens de compreender que depois dela ainda há mais que fazer. Volto a calar-me para ver se encontrava palavras que ele percebesse, a fim de lhe demonstrar que tinha de ir trabalhar.

Não sei como ele percebeu a minha atrapalhação e o meu pensamento, pois que, com um sorriso franco e gaiato, me disparou: «Já sei: se não trabalhar não como!» E deitou a correr para junto dos da lenha.

Padre Abraão



Cont. da SEGUNDA página

e em autoridade, sobe em deveres (ainda que o vulgo só repare nos direitos) a ponto de poder chamar a si a palavra que ainda ontem ouvíamos a S. Paulo: «Ego vincit in Domino...»

Creio, pois, que neste ponto, a cura da juventude exige doutrinação, sem dúvida e... muitos bons exemplos.

2.º — «Se a medo faço qualquer repreensão...»

Ora aí está o tremor que faz «cair o Carmo e a Trindade». É necessário critério e firmeza no critério. Eu sei (oh com que experiência!) como às vezes o cansaço nos acobarda, como nos leva a procurar justificações para adiar uma repreensão... Mas não pode ser; não deve ser. Ai do pai de família, adulto, forjado numa vida de trabalho e sacrifício, desejoso de acertar, sem cair no «pai impertinente que faz o filho desobediente» — ai dele se põe o seu critério em leilão com os pseudo-critérios (que geralmente são ausência dele) dos adolescentes! «Fortiter ac suaviter» — é a receita do Espírito Santo. Assim Ele insufla as boas inspirações que queir eficazes.

Suavemente, sim, quanto possível, mas vigorosamente, sem vacilação, há que chamar bem ao que é bem, mal ao que é mal, sem equívocos — e isto

U M I A C A R T A

é que me parece a mim ser autenticidade.

Quanto à «paz feita do que eles querem, como querem», seria uma paz pôdre. E além do mais a «vida no mundo é milícia» e a Paz de Cristo é a vitória dos fortes, dos que não «deixam correr»...

3.º — Diálogo.

Também este valor maravilhoso, fruto e fautor do respeito mútuo entre os homens, não é malbaratado só pela juventude.

«Quem é o humilde? — perguntou Pai Américo na última Festa do Coliseu da sua vida. E logo respondeu: «É o homem que se deixa ultrapassar».

Este é o único capaz de diálogo, o único que «da discussão tirará luz».

4.º — Dinheiro.

Dê-lhe o pão, a casa, o vestuário, um bocadinho razoável e sadio para extravagâncias, se é que pode. E, se ele quer mais, como está em férias,

disponível... que vá ganhá-lo, como fez o pai.

«Quem quer festa... sua-lhe a testa». «Fala tão bem o nosso Povo!»

5.º — Namoros.

As filhas guarde-as bem, nem que lhe chamem «bota de elástico». Os pretendentes a sério que tiverem, estimarão o futuro sogro dessa espécie, como ainda há dias ouvi da boca de um dos meus Rapazes.

Aos filhos abra-lhes os olhos. E diga-lhes que brincar com «bonecas» é próprio de meninas, não de rapazes.

E reze por eles e elas. Neste ponto, reze muito.

x x x

De tudo isto que conclui o nosso interlocutor (ele e os «centos ou milhares de pais que se vêem aflitos com o mesmo problema»): «Duro ou mole»? «Democracia ou ditadura»?

A resposta creio que a temos que pedir sempre ao Espírito Santo: «forte e suavemente». Uma vez duros, outras macios. O amor dos pais saberá dosear o tempero: o azeite e o vinagre é que fazem o molho.

«Como fazemos: Democracia ou ditadura?»

Ouçamos Pai Américo:

«A tendência da Obra é que sejam Rapazes os seus próprios continuadores. Escolham-se os mais avisados e dê-se-lhes preparação. Os «padres da rua não devem ter funções administrativas. É melhor que os trabalhos agrícolas, as indústrias e mais actividades sejam dirigidas por Rapazes idóneos, segundo a escolha do Superior, a quem devem prestar contas e dar todos os esclarecimentos».

Como vê, Democracia entitativa, e provada por trinta anos de existência e amada a tal ponto, que não temos maior ambição do que formar Rapazes conscientes, capazes de ocupar um posto de governo em nome e ao serviço dos seus irmãos.

Mas, Democracia não quer dizer acefalia. O Pai de Família é e será sempre o último árbitro. Quando ele permitir que em sua casa todos mandem ao sabor dos seus caprichos, dêem-lhe a reforma: Está «chéché!»

PELAS CASAS DO GAIATO

MALANJE

Estamos todos contentes em virtude de se terem realizado as primeiras eleições nesta Casa. A classificação foi assim atribuída: Chefe Maioral, Falcão — com 12 votos.

Manuel Fernandes — 5 votos. André — 1 voto.

Não convém falar mais sobre a missão de chefe em nossas Casas, porque em quase todas as eleições no jornal fala-se sempre.

Mas se há alguém que tenha dificuldades pode pedir ao nosso vendedor do «Gaiato», ou chegar até à nossa fazenda, dirigir-se ao gaiato mais velho e, até, a um qualquer, e pedir o livro «A Porta Aberta», que explica tudo.

+ + +

A vida é toda ela cheia de dificuldades. Temos aqui bastantes e duras de vencer.

Uma delas é que estamos no início das aulas e andamos todos afadigados com o problema dos livros.

Se houver alguém a quem os livros não façam falta, mas sejam do programa, contamos com a vossa oferta. Mesmo que seja qualquer livraria a ajudar-nos.

+ + +

Já peço demais, mas espero que os meus pedidos sejam atendidos.

Não me esqueço daquela linda tarde de 15 de Agosto, em que se realizou o cortejo de oferendas.

Em nome de todos os gaiatos do Padre Américo, agradeço à gente Malanjina, toda a simpatia que nos mostrou no cortejo de oferendas.

Graças a todos a nossa Casa vai ser depressa electrificada. Nós também temos este desejo, porque a luz faz-nos muita falta.

São estas as nossas dificuldades. Não são todas; ainda há mais!

TOMAZ

Paço de Sousa

LAVOURA ... Ultimamente a principal ocupação tem sido o enchimento do silo da avenida. Zézinho ao volante do tractor roda num vai-vém constante, entre a avenida e o lameirão onde é carregado de canas de milho que os da erva cortam e amontoam em paveias. Numa

margem do silo está a máquina onde as canas são esmagadas e partidas em pequenas porções. Dentro dele estão outros, dos mais pequenos, que espalham e cobrem com sal o alimento que em dias de mau tempo há-de ser o sustento dos bovinos que temos na vacaria.

Serafim dá ordens. O trabalho não para. Fazem-se serões. E tudo para que não haja problemas de pasto quando o tempo não permite apanhá-lo.

DESPORTO — Os treinos têm sido às quartas-feiras. Faz-se preparação física. Pratica-se futebol. As bolas quando é golo, ainda

entram por entre as traves de madeira, mas pensamos num futuro mais ou menos próximo, poder substituí-las por traves redondas de ferro. Carlitos já começou a angariar fundos. Tem alguns, mas falta-lhe a maior parte. Quem ajuda? Quanto a preparação física tê-lamos mais e melhor, se não houver nada em contrário, a partir de Out.. Em procura de um professor de ginástica apareceu um que se ofereceu vir até nós uma vez por semana. Houve contentamento geral. Vamos ver uma esperança realizada.

Álvaro

Cantinho DOS RAPAZES

Cont. da PRIMEIRA página

«vigarices». Ficou só. Todos fugiam dele. Custou-lhe muito. Mas aguentou. Foi honesto consigo e com os outros. Os tempos passaram. Tempo de provação. Mas os rapazes são justos. São sensíveis à verdade. E não tardou que descobrissem que ele era o verdadeiro amigo deles, a quem procuravam; a quem faziam confidências na busca de ajuda para os seus problemas. Que melhor recompensa? Aqui tens um exemplo dentro de portas.

Deixa-me continuar, servindo-me das tuas palavras: «Nesta idade, lá fora, teria mais liberdade a qual poderia ser a minha condenação; por tal pensar ainda me mantém na nossa Família». O que é ser livre? O que é ser verdadeiramente livre? É poder fazer o mal e não o fazer. Concordas comigo quando te apoias na tua experiência e reconheces teu engano; e queres usar noutro sen-

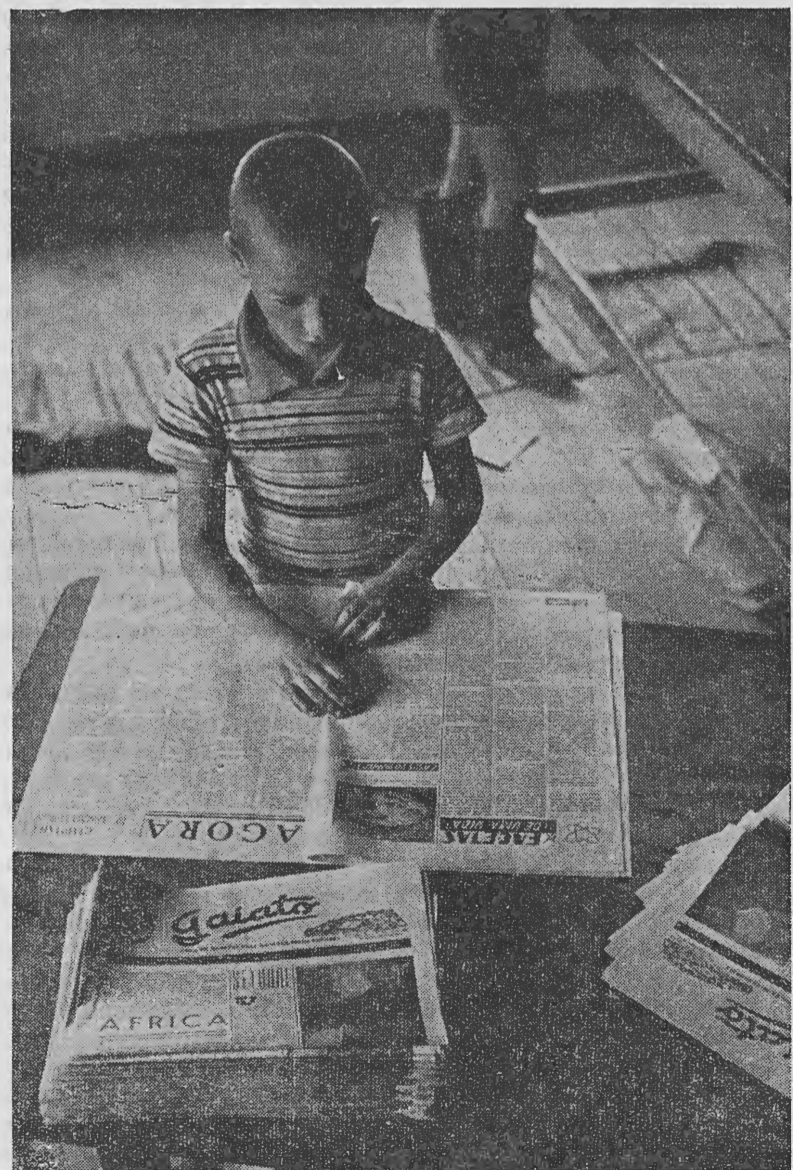
tido a tua liberdade. Procedendo assim julgas-te menos homem que os outros?

E terminas tua carta com um acto de fé na vitória. Não pões de parte a luta. Não pões de parte futuras quedas. Aquela e estas te hão-de ajudar a ser mais homem. O que importa acima de tudo é não ficares de rastos, caído. Importa que te levantes sempre que venhas a cair e que saibas aceitar sem revolta as tuas recaídas. Conta com elas. Olha-as com Fé. E poderás dizer: «lutarei sempre de cabeça erguida, porque quero que no dia de amanhã os meus tenham aquilo que nunca eu tive: o amor de pai e de mãe; um lar onde não falte o pão de cada dia, enfim, tudo o que tem um Lar completamente feliz». Fiquei mais teu amigo. E retribuo com mais força ainda o teu abraço de saudade e de amizade. Teu

P.e Manuel António



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



Éis o Falcão — Chefe eleito da Casa de Malanje — quando ajudante na expedição de «O Gaiato», em Paço de Sousa.